

Do *Um* e seus muitos nomes

Cristina Bezerril

Quando iniciei esse cartel¹, que agora se conclui, tinha em mente a articulação entre gozo e interpretação sob o fundo de uma pergunta: fala-se muito do gozo - fulano goza disso! Beltrano é invadido por um gozo mortífero! - mas, afinal, o que é gozo? O que se quer dizer ao se falar em gozo? Decerto não é o caso de se confundir a negatividade de uma de suas definições, em que o gozo "não serve para nada"², atribuindo-lhe uma conotação irrisória ou, o que dá no mesmo, como um mal a ser expurgado. Desta negatividade há que se extrair um nada fecundo, nada de nada em torno de quê se constrói um corpo, uma vida, um nome. Mas como fazê-lo?

Recentemente, lendo um livro de Antonio Callado³ - uma coletânea de reportagens publicadas em *O Jornal do Brasil*, por ocasião de sua viagem ao Vietnã do Norte em 1968 -, descobri Ho Chi Minh, líder vietnamita que, no dizer do autor, foi a figura histórica mais fascinante do século, tornando pequenas potências como a França e os Estados Unidos. À parte o deslumbre com a história de um povo que une braveza e delicadeza de modo tão próprio, e apesar do anacrônico de minha descoberta, tive a ideia de me servir de Ho Chi Minh, na tentativa de esboçar algo do que me restou da leitura desse Seminário, *Mais, ainda*, norte de nosso cartel.

Nascido com o nome Nguyen Tat Thanh, outros falam que era Nguyen Sinh Cung, Tio Ho, como ficou conhecido - fina ironia ao Tio Sam -, mudou de nome muitas vezes, ora para manter o anonimato, ora como fetiche, dizem os historiadores. Nguyen Ai Quoc foi o primeiro por ele adotado. Nguyen é o sobrenome mais comum no Vietnã,

correspondendo ao nosso Silva, e Ai Quoc significa 'ama seu pai' ou 'o patriota'. Depois vieram muitos outros: Nguyen O Phap, 'odeia os franceses', depois Ba, Vuong, Chin, Line, Tran, Quang e, por fim, Ho Chi Minh. Callado supõe aí, nessa curiosa coleção de nomes, uma compensação talvez para a imutabilidade de caráter desse homem singular. Essa coleção também me fispou, mas penso haver algo diferente de uma compensação. Neste plano, fazer-se um nome seria mais uma tapeação, como se o nome servisse para ampliar a voz do revolucionário, garantindo-lhe palavras de ordem. E nada indica que tenha sido esse o caso, pois, na própria leitura de Callado, não tem sentido transportar para a História do Vietnã "a vexatória questão de saber quem é mais importante para uma revolução - o povo ou o líder. Não existe uma precedência e sim um encontro"⁴.

Enquanto vivo, Ho nunca permitiu que se tapasse um muro da cidade com imagens suas como que para enaltecê-lo. De raras cóleras, jamais exerceu uma política de sangue correndo atrás de uma glória de pedra. Antes, sutil, sua figura frugal "de rosto cor de chá e barbicha cor de arroz"⁵, este retrato feito por um de seus biógrafos, Jean Lacouture, é magistral se pensarmos na constância de ferro desse homem, mas, sobretudo, no quê essa imagem desenha um corpo que se imiscui à paisagem cultural de seu país. Morto, não aceitaria ser reduzido à múmia de desfile ou ter o corpo embalsamado e colocado em mausoléu. Dedicou-se a homens vivos e, segundo Callado, "seu nome assenta bem numa cidade, pairando sobre ruas cheias de bicicleta e casas cheias de crianças"⁶. Saigon, capital do Vietnã do Sul quando da época da divisão do país em dois, representou a sede da sanguinolenta tentativa americana de expurgo do mal, encarnado em um povo que, por tradição milenar, se declara incapaz de escravidão. Com a queda de Saigon e a reunificação do país, a cidade foi rebatizada com o nome de Ho Chi Minh.

Ho rodou o mundo e, para se sustentar, foi professor, cozinheiro, jardineiro, garçom, retocador de fotografias e, como ele mesmo conta com humor, pintor de 'antiguidades chinesas' fabricadas na França! - essas peças atingiriam, em leilões, cifras bem mais elevadas do que as obtidas com 'objetos genuínos'. Tornou-se, ainda, poeta, ao longo dos dois anos em que passou preso na China, tempo em que escreveu *Poemas do cárcere*⁷. Em sua maioria, são poemas curtos, lembram os haicais, uns líricos, outros irônicos, há, ainda, os inflamados. Reproduzo alguns:

A LUA

Que fazer ante o encanto da noite e a beleza do tempo?

Através das grades o homem contempla a lua.

A lua contempla o homem atrás das grades.

ESTÓRIA PARA RIR

A morada oficial, o arroz do estado,

a guarda se reveza a cada passo.

Horas de ócio, passeio à vontade.

Não acham muita honra para um homem?

AO CAIR DA NOITE

O pássaro cansado volta ao ninho

Entre as sombras do bosque.

Vagueia a nuvem pelo céu deserto.

Uma jovem na aldeia mói o milho e o fogo inflama sua luz vermelha⁸.

Nota-se que no conjunto dessa obra há, na maioria das vezes, o homem militante a relançar seus ideais de revolução. Mas, o que aqui me interessa, para além dessa nostalgia, é o giro que, passando pelo trabalho de escrita, dá testemunho de experiências radicais como a prisão, a fome, o frio, a tortura e a imundície que encarnam o gozo do Outro, destinando-lhes uma satisfação outra pela via suplementar da poesia. Como estes poemas:

TRONCO

Goela faminta, demônio cruel,

Todas as noites

Morde e devora as nossas pernas.

A garganta animal tragando o pé direito,
Enquanto o pé esquerdo esperneia sozinho.

A RAÇÃO D'ÁGUA

Meia bacia é a ração d'água.
Faz-se o que quer: asseio ou chá.
Você quer se lavar?
Esqueça o chá.
Você quer o chá?
Deixe o asseio.

A TRANSFERÊNCIA DO PRISIONEIRO PELA MADRUGADA

Primeiro canto do galo
pela noite de negro ainda.
Como uma escolta de estrelas
a lua emerge dos montes.
O viajante segue a estrela,
rota de grandes viajantes.
Rajadas frias de gelo
o vento de outono sopra.
O seu rosto fustigado.
O clarão que rasga o Oriente
já se transforma em aurora
e varre os restos da noite.
Um belo bafo de fogo envolve
tanto a terra como o céu.
O viajante sente súbito
a poesia crepitando⁹.

Ele mesmo conta que como nada podia fazer, compôs poesias. Isso interessa, assim como interessa ter sido nesse mesmo tempo que o nome Ho Chi Minh - significando 'aquele que ilumina' ou 'aquele que traz a verdade' -, último da série de nomes que ele adota como quem veste uma roupa nova, tenha surgido. Há uma versão divertida que defende ter sido este o nome de um mendigo, roubado pelo líder, ficando o equívoco: roubou o mendigo ou o nome? Os significados se multiplicam... ou seja, rateiam.

E porque rateiam, penso que essa atribuição de significados aos vários nomes adotados por Ho - 'ama o pai', 'odeia os franceses', 'ilumina e traz a verdade' - são efeitos de significação que só se suportam em Outro lugar, onde o *isso fala*, e que implica em interrogar o Outro como sujeito, ponto mítico em torno do pai e do *Um* do significante. Há aí toda uma tensão entre esse *Um* e o Outro, entre existência e ser, assim como uma suspensão que faz do nome uma marca aberta à leitura, ao mesmo tempo em que é de não se traduzir.

É em "Introdução aos Nomes-do-Pai"¹⁰ que Lacan situa o nome como "uma marca já aberta à leitura [...] impressa sobre alguma coisa que pode ser um sujeito que vai falar, mas que não falará de modo algum obrigatoriamente"¹¹. Parafraseando-o, a peça chinesa falsificada por Ho jamais tomará a palavra para dizer se aquela é, sim ou não, sua marca de fábrica. Para aquele que fala é inevitável a pergunta que ele nos coloca: "para além daquele que fala no lugar do Outro e que é o sujeito, o que há cuja voz é assumida pelo sujeito a cada vez que fala?"¹². Ainda que estejamos aqui bem antes do *Mais, ainda*, onde Lacan retoma a formulação em torno do *Um*, seria um princípio de resposta dizer Há do *Um*? Pois antes de tudo só existe o *Um* do significante, significante no real, sem o qual nenhuma marca pode ser tomada como a divisão própria da constituição do sujeito como ser falante - marca de gozo.

Com sua coleção de nomes, seu fetiche, Ho não parece ter destinado ao *Um* a nostalgia do ser em busca de ser o melhor ou o pior, *mais*, mas em perfeita conformidade com a ordem do mundo, ordem de mando do Outro, de onde se pensaria excluído. A despeito de se mover pelos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade em sua face de revolucionário, ao mesmo tempo, *ainda*, sua genial intuição sobre a função dos Nomes-do-Pai - como segundo termo acrescentado ao pai primordial, totem anterior ao surgimento da cultura, cuja satisfação é supostamente irrefreável - permitiu-lhe não estar excluído do Outro, mas descompletá-lo, agregando-se aí como falta, levando a sério o que se espera do *Um* do significante para que possa fazer série, quer dizer, que a causa tenha a ver com o real. Em outras palavras, toma o traço que vem do Outro não para reduzi-lo ao *Um*, mas sim como algo que "foi dito verdadeiramente para ele e pode ser escutado pelo sujeito como antecipação de seu destino"¹³.

Entendo que Ho Chi Minh, esse homem de exceção, soube se servir da linguagem não como um muro, mas como suplência à não-relação sexual. Se, como revolucionário, esteve identificado às massas, amando seu povo como irmão, poeta, tornou fecunda a solidão de quem fala, dando lugar à sua diferença. No dizer de Lacan:

[...] essa solidão, ela, de ruptura do saber, não somente ela se pode escrever, mas ela é mesmo o que se escreve por excelência, pois ela é o que, de uma ruptura do ser, deixa traço¹⁴.

Escreve Ho:

MARCO DE QUILOMETROS
Nada de grande, extraordinário,
De imperial ou principesco:
Nada mais que simples bloco de pedra
à beira da estrada.
As pessoas te buscam
para não se perderem.
Indicas o caminho a cada um
e o tamanho do trajeto.
Isto não é nada, pequena pedra!
Mas ninguém poderá esquecer-te¹⁵.

Conta-nos Callado que, no meio do salão do Museu de História de Hanói, ergue-se uma estela negra semelhante àquela do filme de Stanley Kubrick, *2001, Odisseia do Espaço*, "a treva esculpida, a massa lisa do mistério"¹⁶. A diferença é que a de Hanói - pedra angular da língua de um povo - carrega inscrições dedicadas a um camponês do século XV que lutou para expulsar os invasores chineses, e cuja base é uma imensa tartaruga. Para os vietnamitas, a tartaruga é o símbolo da paciência, já para nós seu nome é Briseis... Fico a me interrogar: no deslizamento desses vários *Uns* que, do pai à letra, localizam de modo privilegiado a inscrição do gozo como furo no real, há uma necessária passagem pelo *nãotodo* feminino?

-
- ¹ Cartel de leitura de *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Cartelizantes: Cristina Duba (mais-um), Cristina Bezerril, Elsa Neves, Lydia Vasconcellos, Magda Delecave. *Companheiras queridas de trabalho, a quem só tenho a agradecer pelos encontros vivos, ora sérios, ora cheios de risos*.
- ² LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 11.
- ³ CALLADO, A. (1977[1968]). *Vietnã do Norte: advertência aos agressores*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- ⁴ Idem. Ibid, p. 77.
- ⁵ Idem. Ibidem.
- ⁶ Idem, p. 87.
- ⁷ HO CHI MINH. (1968[1942-1943]). *Poemas do cárcere*. Guanabara: Gráfica Editora Laermmer S.A.
- ⁸ Ver <poemasdocarcere.blogspot.com>. Recuperado em setembro 2012.
- ⁹ Idem. Ibidem.
- ¹⁰ LACAN, J. (2005[1963]). "Introdução aos Nomes-do-Pai". In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ¹¹ Idem. Ibid, p. 74.
- ¹² Idem. Ibid, p. 71.
- ¹³ MILLER, J.-A. (1999[1986]). *Los signos del goce*. Buenos Aires: Editorial Paidós, p. 35.
- ¹⁴ LACAN, J. (1985[1972-1973]). Op. cit., p. 163.
- ¹⁵ Ver <poemasdocarcere.blogspot.com>. Recuperado em setembro 2012.
- ¹⁶ CALLADO, A. (1977[1968]). Op. cit., p. 73.